

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

A Arte do Lúdico na Educação de Jovens e Adultos

Patricia Fernandes de Paiva¹

RESUMO: Este artigo foi produzido a partir do projeto de intervenção pedagógica na escola desenvolvido junto aos estudantes do Ensino Fundamental do CEEBJA- Vinícius de Moraes, Terra Boa (PR). A realização deste trabalho advém da necessidade em dinamizar o ensino/aprendizagem por meio do teatro através dos jogos teatrais, musicais e brincadeiras tradicionais. O objetivo principal desta pesquisa foi desenvolver junto ao teatro, a integração e participação dos estudantes no espaço coletivo da aula, reavivando a prática lúdica como estruturante do processo educativo, ampliando o diálogo e a valorização humana legitimados pelo respeito mútuo entre os estudantes e educadora.

PALAVRAS CHAVES: Jogos teatrais; integração; espaço coletivo; valorização humana.

Introdução

Este artigo é resultado do trabalho desenvolvido durante a implementação do projeto de intervenção didático-pedagógica do Plano de Desenvolvimento Educacional (PDE) 2016/2017, na disciplina de Arte (Ensino Fundamental do CEEBJA – Vinícius de Moraes, de Terra Boa, PR).

Na minha prática docente, ao longo de quinze anos de trabalho com jovens e adultos, pude observar que a maior parte dos estudantes deste estágio de ensino retornam à escola em busca do “tempo perdido”, numa tentativa – as vezes frustrante – de retomar aquilo que, pelas mais diversas razões, deveria ter-se dado em épocas passadas e não aconteceu. Eles trazem esperanças, mas também sentimentos de medo, rejeição e baixa autoestima, entre outras dificuldades para o ensino-aprendizagem escolar. O contato com estas pessoas de diferentes idades e diferentes necessidades, que inegavelmente chegam à escola cansadas da exaustiva rotina do dia a dia, gerou uma expectativa de ensino/aprendizado que solicitava uma abordagem cautelosa e delicada. Sendo assim, o trabalho, por meio dos jogos, músicas e brincadeiras foi minuciosamente desenvolvido através de muito diálogo, estabelecendo-se o desafio de sentir, pensar, atuar e criar.

¹-Professora PDE atuante na Rede Estadual de Ensino PR - Escola Estadual Prof. Léo Kohler-EF – CEEBJA Vinícius de Moraes-EFM. Graduada em Artes Plásticas pela Unoeste-Universidade do Oeste Paulista. Pós-Graduada em Didática- Fundamentos Teóricos da Prática pedagógica pela Faculdade de Educação São Luís -. E-mail:patriciapaiva@seed.pr.gov.br.

Foram trabalhados jogos teatrais atrelados a brincadeiras tradicionais e músicas, sempre pautados na proposta libertadora de Paulo Freire e nos jogos teatrais de Viola Spolin. Essas práticas tiveram como objetivo desenvolver a integração e participação dos estudantes, dentro do espaço coletivo da escola. Para isso foram selecionados jogos teatrais, musicais e as brincadeiras tradicionais, buscando reavivar a prática lúdica como forma de aprendizagem.

Desse modo, compreende-se que os jogos e brincadeiras são uma forma de incentivo para a formação humana, possibilitando através da arte o espaço/tempo afetivo para que os estudantes compartilhassem sentimentos e emoções, ampliassem a capacidade de dialogar e desenvolvessem a valorização própria, assim como a dos demais. Foi através do lúdico que retomamos o aprendizado em arte de modo efetivo, podendo-se constatar, de forma clara e inequívoca, que toda pessoa aprende em qualquer idade, que o conhecimento não tem limites, basta disponibilizar-se para esta extraordinária aventura.

Para a realização do trabalho, as atividades foram desenvolvidas em três unidades, nas quais os estudantes construíram juntos a prática e reflexão sobre o coletivo.

Na primeira unidade, dividida em três aulas, foram realizados alguns jogos de aquecimento e outros introdutórios, conjuntamente aos jogos teatrais de Viola Spolin, com o objetivo de trabalhar a integração e descontração do grupo, configurando uma participação coletiva e voluntária em meio a aulas dinâmicas e criativas. Esse momento foi importante para o desenvolvimento da autoconfiança e aproximação dos participantes, tornando-os mais conhecedores de si e do grupo. Ao longo dos encontros os estudantes se engajaram nas propostas, ganhando concentração e se auto-observando.

Na segunda unidade, também dividida em três aulas, trabalhamos jogos e brincadeiras com ritmo. Nesta unidade, a turma interagiu com maior facilidade de expressão. O trabalho com música superou minhas expectativas, uma vez que estudantes tímidos se mostraram mais extrovertidos, participando e concluindo todas as etapas das atividades.

A etapa final abordou a integração entre pais e filhos através de jogos e brincadeiras tradicionais. Os estudantes contaram como eram suas brincadeiras e jogos

em seu tempo de criança ou adolescente, onde brincavam, como brincavam, do que eram feitos seus brinquedos, deste modo aproximando filhos e pais no ambiente escolar. Houve também a participação de um professor de circo da comunidade, relacionando o universo teatral e das brincadeiras com o universo circense.

A abordagem do teatro dialogou com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná indicam que:

Dentre as possibilidades de aprendizagem oferecidas pelo teatro na educação, destacam-se a: criatividade, socialização, memorização e a coordenação, sendo o professor o mediador destes encaminhamentos, para que o aluno os exercite. Com o teatro o educando tem a oportunidade de se colocar no lugar dos outros, experimentando o mundo sem correr risco (2008, p.77).

A vivência no teatro auxilia na formação humana de modo complexo, além de propiciar que o estudante desenvolva a alteridade junto à aprendizagem.

1 - Diretrizes e parâmetros para a educação em arte

A implementação do projeto de intervenção didático-pedagógica foi respaldada por documentos que delineiam possibilidades de aprendizagem por meio da arte, sendo que a indicação das Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná é que

Nas aulas de arte é necessária a unidade de abordagem dos conteúdos estruturantes, em um encaminhamento metodológico orgânico, em que o conhecimento, as práticas e a fruição artística estejam presentes em todos os momentos da abordagem pedagógica, em todas as séries da Educação Básica. Para preparar as aulas a serem ministradas, é preciso considerar para quem, como, por que e o que será trabalhado, assim tornando a escola como espaço de conhecimento. Dessa forma devem-se contemplar, na metodologia do ensino da arte, três momentos da organização pedagógica: Teorizar, Sentir e Perceber e o Trabalho Artístico (2008, p. 69).

Esses três momentos a serem trabalhados encontram respaldo na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa. Segundo ela,

Um currículo que integre atividades artísticas, história das artes e análise dos trabalhos artísticos levaria à satisfação das necessidades e interesses das crianças, respeitando ao mesmo tempo os conceitos da disciplina a ser aprendida, seus valores, suas estruturas e sua específica contribuição à cultura (BARBOSA, 1998, p.17).

Para explicar o seu conceito com os três eixos (leitura da imagem – fazer artístico –

contextualização) ela usa a expressão “alfabetizar para a leitura da imagem”. Esse entendimento do processo educativo também pode ser visto na prática teatral, respectivamente no ato de jogar teatralmente, assistir ao jogo e realizar a avaliação da prática junto à explanação sobre os parâmetros de linguagem do teatro.

Na prática artística é necessário refletir, também, sobre o princípio de formação para a cidadania, cuja referência está presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997) e diz respeito não apenas ao teatro, mas também às outras três linguagens artísticas (dança, artes visuais e música), uma vez que, de acordo com o documento acima citado, a experiência estética nas distintas linguagens artísticas é fundamental para a formação humana e devem estar presentes no currículo escolar. Os PCNs fazem atribuição às múltiplas linguagens no currículo, e à dimensão de produzir, apreciar e contextualizar a arte como experiência estética e educação cognitiva.

Um ser humano integrante de uma sociedade que sabe decodificar a linguagem artística, expressar-se mediante essa linguagem e compreender o valor de uma obra de arte no seu contexto histórico-social tem plenas condições de desenvolver inteiramente sua personalidade histórico-cultural.

Para isso, é necessário instalar um processo de democratização do conhecimento de arte, quer dizer, possibilitar a prática artística para todos e não prioritariamente para um grupo que representa uma elite intelectual e privilegiada.

Deste modo, a escola pública de Ensino Fundamental é constituída por um ambiente multicultural, oportunizando a prática do confronto de valores e de tolerância, mais diversificados. Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais pontuam que

O teatro favorece a jovens e adultos possibilidades de compartilhar descobertas, idéias, sentimentos, atitudes ao permitir a observação de diversos pontos de vista, estabelecendo a relação do indivíduo com o coletivo e desenvolvendo a socialização. A experiência do teatro na escola amplia a capacidade de dialogar, a negociação, a tolerância, a convivência com a ambigüidade (BRASIL, 1997, p.88).

Já em relação à música os PCNs indicam que “A música, então, é uma forma de representar o mundo, de relacionar-se com ele, de fazer compreender a imensa diversidade musical existente, que de forma direta ou indireta interfere na vida da humanidade.” (p.76) Portanto, de acordo com esta reflexão, trabalhar o lúdico com

jovens e adultos no ensino de arte, através do teatro e da música, possibilita novas oportunidades e maior interesse no conteúdo que se pretende alcançar.

Esse contato entre os jogos teatrais e o trabalho com ritmo e música, oportuniza o exercício do corpo e da musicalidade, aumentando as possibilidades de exploração dos dois componentes curriculares, a partir da realidade cultural de cada aluno. Ao construir a competência artística no ambiente escola, os estudantes desenvolvem a comunicação corporal, vocal e musical, assim conectando o imaginário e a fantasia aos processos de criação, interpretação e fruição, desenvolvendo o poético, a dimensão sensível que a música e o teatro trazem ao ser humano.

2 - Abordagem pedagógica

A abordagem teatral foi realizada tendo por diretriz a concepção pedagógica oriunda de Paulo Freire, sempre com o ideal dialógico permeando o andamento das aulas. A abordagem freireana revela que a docência é um ato de eterna busca, assim Freire nos coloca que

Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar e anunciar a novidade (FREIRE, 1996. p. 16).

Essa busca despertou a participação dos estudantes perante a abordagem pedagógica que deu início a um trabalho diferenciado e dinâmico. Logo percebi que os estudantes desenvolveram um contato mais próximo entre eles. Tal receptividade e espontaneidade proporcionaram que trouxessem, inclusive, novas propostas a serem testadas, viabilizando a abordagem libertadora e construtiva de ideias e práticas. Assim, interação e entrosamento, no decorrer das propostas foram crescendo, junto a novas ideias e surgiram diversas contribuições para o enriquecimento das aulas.

A motivação dos educandos cresceu com essa nova possibilidade de aprender, despertando algo que eles desconheciam em relação às aulas de arte, devido ao longo tempo fora da escola. Essa perspectiva de aprendizagem mais dinâmica e sociável, trabalhada a partir das ideias de Paulo Freire, despertou nos estudantes motivação e interesse pelo trabalho conjunto e efetivo, possibilitando grande crescimento e envolvimento no grupo.

Alicerçada na proposta libertadora de Paulo Freire é que efetivou-se esse contato de maior proximidade entre educadora e estudantes, todos caminhando juntos, compartilhando e construindo progressivamente o aprender, assim Freire destaca que:

a conscientização não pode existir fora da ‘práxis’, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens (FREIRE, 1979, p.15).

A partir deste pensamento de Freire, é possível compreender que, para o ensino transformador de mundos se consolidar, é relevante que se realize a relação entre educador e educando como um fator de essencial importância no processo de ensino-aprendizagem, construindo assim, o diálogo e o respeito entre ambos.

Conforme o pensamento de Freire

Um gesto de respeito do professor pelo aluno pode demonstrar sua consideração. As vezes um simples gesto de carinho dado pelo educador vale mais do que um valor numérico atribuído a sua avaliação, esse respeito gera confiança e gestos de afeto multiplicam essa cumplicidade educador e educando (Freire, p.23, 1996).

Essa relação de respeito do educador para com o educando é de fundamental importância para a educação, pois a partir da forma de agir do educador é que o educando pode se sentir acolhido como pessoa, e não apenas como só mais um dentro da sala de aula.

Durante o desenvolvimento do projeto, buscando um melhor relacionamento entre o grupo é que construiu-se, através dos jogos, o pensamento coletivo e a comunicação entre os participantes. Essa interação despertou nos educandos a curiosidade sobre a prática dos jogos teatrais, envolveram-se nos debates, desempenharam as tarefas com garra, isso favorecendo a elevação da autoestima, fazendo com que construíssem, ao longo dos encontros, uma imagem positiva de si mesmos, enquanto indivíduos capazes de atuar nas próprias vidas, de modo concreto e qualitativo. Sendo assim, a cooperação, o diálogo e a curiosidade geraram novas habilidades criativas e inventivas sobre os jogos teatrais.

Com base no pensamento de Freire (p.18, 1996) “Compreende-se que incitar a curiosidade é uma forma de incentivar a busca por novos conhecimentos e

questionamentos, instigando e despertando o prazer de conhecer, de construir e reconstruir a partir do desconhecido.”

Despertar no aluno a curiosidade sobre o desconhecido é propriamente construir o novo, ampliando sua capacidade de experimentar o universo lúdico e suas diferentes formas de aprendizagem por meio da arte.

3 - Experiência em sala de aula

Ao proporcionar aulas criativas e dinâmicas aos educandos, foi possível motivar e gerar prazer nas aulas de artes. É nesse contexto que venho trabalhando a renovação da aprendizagem, respeitando e desafiando essa nova geração que se desenvolveu imerso no universo da internet e das novas tecnologias em que os mecanismos para a construção de conhecimento se tornaram tão próximas e acessíveis. Entretanto, o desafio de compartilhar algo diferente tem sido diário, pois trabalhar em grupo requer habilidades e competências extras, pois em uma avaliação diagnóstica, percebe-se que alguns estudantes estão mais aptos que outros e, a partir desta percepção, busco abordar o grupo como um todo, porém tendo o cuidado com algumas particularidades, para uma evolução conjunta, a cada aula.

Agregar novas ferramentas tecnológicas nas aulas de arte tem sido uma necessidade cada vez maior, pois através desta abordagem desenvolvem-se diversas habilidades relevantes ao conhecimento em artes. A intenção é tornar as aulas mais atrativas, contribuindo para maior conhecimento de todos e a intensificação da sensibilidade de cada um.

Entretanto, para vivenciar a arte, mais especificamente o teatro, é de fundamental importância o contato entre as pessoas sem que se tenha uma interface tecnológica mediando as duas partes, portanto é necessário que o educador atraia o interesse dos educandos para tal fim. Requer que os sensibilize e mostre as inúmeras facetas e sentidos daquele conteúdo. Durante as aulas foi perceptível que, jogando, os estudantes adquirem habilidades práticas por meio do jogo, desenvolvendo a imaginação e a intuição. Esse processo tem tido resultados positivos no trabalho em sala de aula, contribuindo, inclusive, no processo de ensino-aprendizagem de outras disciplinas.

O trabalho com jogos foi motivador e divertido, já no aquecimento percebi a descontração dos participantes. Nos jogos com tato, eles se mostraram concentrados e competitivos. Assim começaram a se interessar mais pela participação. Constatei então que os estudantes se mostravam ativos e estavam preparados para trabalhos mais complexos, dinâmicos e em grupo.

O contato com a linguagem lúdica do teatro proporcionou às aulas um espaço atuante e criativo. Essa forma de aprender através dos jogos e brincadeiras permitiu aos estudantes extravasar alegrias e tristezas adquiridas em determinados momentos das suas vidas, pelas mais diversas razões, e também pela necessidade de deixar de brincar para trabalharem ainda jovens ou mesmo crianças. Além desse fato de suma importância, despertou nos participantes novo estímulo para a construção da valorização própria.

Durante as atividades, pude observar que existem muitas formas de abordar os conteúdos, possibilitando que se aprenda brincando, interagindo e respeitando os limites dentro daquele trabalho realizado. O brincar enriqueceu a dinâmica das aulas, ensinando valores e fortalecendo a relação entre os estudantes, e entre estudantes e educadora.

A partir desse trabalho em equipe é que percebi que os jogos teatrais, a música e as brincadeiras tradicionais podem desenvolver nos estudantes o entusiasmo pela aprendizagem. Tudo que foi planejado, foi concretizado. Os estudantes surpreenderam em cada atividade trabalhada, compreendendo claramente o sentido da educação estética proposta pelo viés humanizante.

Acredito que o ambiente de ensino precisa ser favorável para se obter uma aprendizagem qualitativa, realizando aulas diferenciadas é que pude perceber que o envolvimento e a participação dos estudantes se potencializa através de uma linguagem mais significativa e adequada àquele momento.

Foi notável o amadurecimento da turma em relação a arte e sobre a importância das várias formas de aprendizagem, construindo um espaço de socialização, motivação e interesse pelo conhecimento.

A partir dessa relação construída é que se percebe que a sala de aula não se limita apenas à aprendizagem e ao conteúdo, mas ganha dimensão de um espaço de troca de

conhecimentos trazidos das vivências culturais, trabalhados nas aulas de uma forma motivadora e dinâmica. É evidente que criar novos caminhos é um processo árduo, principalmente por tratar-se de uma escola de jovens e adultos, onde os estudantes chegam à escola após um dia de trabalho exaustivo, por isso se torna cada vez mais importante atividades que sejam diferenciadas e dinâmicas, em relação à arte.

4 - Jogos Teatrais

Os Jogos Teatrais, além de serem constituintes de métodos que trazem prazer e ludicidade, ajudam a estimular a ação criadora dos estudantes e educadores. Em seu livro *Improvisação para o teatro*, Spolin (1992, p.3) relata que “Todas as pessoas são capazes de atuar no palco. Todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco”.

Sendo assim, o estudante precisa estar disponível e aberto para desenvolver este aprendizado através da capacidade criativa individual e em grupo. Spolin, ainda, afirma que “experienciar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organicamente com ele” (1992, p.3).

É evidente que o estudante vive constantes desafios a serem vencidos, especialmente em momentos de exposição, deste modo o teatro se caracteriza como linguagem artística necessária para a formação humana, bem como ferramenta pedagógica que auxilia na comunicação e expressão e nas habilidades criativas.

Para esta prática artística saber trabalhar em equipe é essencial. Tanto no teatro quanto na vida, é preciso compreender os limites do outro, desenvolver a sensibilidade, saber respeitar as pessoas e o pensamento coletivo. Segundo Viola Spolin,

o jogo teatral na educação é uma forma de aprendizagem afetiva, cognitiva e psicomotora de transformação social. A criatividade dramática ajuda o pensamento criativo e o desenvolvimento social, pois transforma a passagem do teatro como ilusão para o real.

É nessa prática do real, por meio do exercício lúdico, que se trabalha diversos questionamentos da vida, que são ricos em conteúdos estruturantes inerentes à formação humana. É também necessário lembrar que,

os jogos teatrais são baseados em problemas a serem solucionados. O problema a ser resolvido é o objeto do jogo que proporciona o foco. As regras do jogo teatral incluem a estrutura dramática (Onde, Quem, O Que?) e o objeto(Foco), mais o acordo do grupo (SPOLIN, 2010, p.12).

Com estes parâmetros estéticos e metodológicos da linguagem teatral (Onde, Quem, O Que? e Foco), o estudante inicia seu processo de emancipação educativa, no momento em que toma para si a ação sobre determinada situação, ganhando, portanto, autonomia sobre suas decisões.

No livro de Viola Spolin (2010), Jogos teatrais na sala de aula, é pontuado que jogando os estudantes não irão adquirir apenas habilidades de atuação, mas aprenderão também as regras básicas para contar histórias, apreciação da leitura e construção de personagens. Ainda segundo a autora, “Os jogos teatrais vão além do aprendizado teatral de habilidades e atitudes, são úteis em todos os aspectos da aprendizagem e da vida” (p.27). Sendo assim, o educando precisa permitir a interação desses conhecimentos para desenvolver maior capacidade de concentração, resolução de problemas e interação de grupo.

Deste modo, em direção ao trabalho coletivo é que buscamos a construção de conhecimento, através da troca de experiências trazidas da vivência de diferentes indivíduos, estimulando um aprendizado baseado no respeito mútuo. A prática de jogo possui historicamente o fator competitividade, entretanto, no jogo teatral se toma atitude desviante dessa tradição, pois a competitividade se faz como incentivo à prática e não almejando somente a vitória.

A competição, originalmente usada como um incentivo para maior produtividade e como um instrumento de ensino para desenvolver mais habilidades, infelizmente funciona apenas para poucos e deveria estar superada por ser inoperante. (SPOLIN, 2012, p. 39).

Acredito que despertar no estudante o sentido de competição sem a espera de recompensa ou de desenvolvimento produtivista, seja uma forma de adquirir respeito pelo outro a partir do prazer em jogar. Competir de forma positiva pode aumentar a motivação e autoestima, gerando um trabalho coletivo de cooperação.

Para que o estudante possa atuar de forma natural é necessário experimentar e desenvolver habilidades e técnicas pessoais que todos nós temos. Essa possibilidade de liberdade em se permitir experimentar algo novo e interessante, sem juízo de valor,

faz com que o jogo aconteça, sem regras rígidas ou cobranças, com a função apenas de acontecer com prazer, e da participação coletiva. Esse é um momento propício para que o estudante tenha liberdade de experimentar sem receio e improvisar a criação estética e ética. O crescimento e a capacidade pessoal ocorrem com naturalidade e de forma espontânea.

A partir dos estudos de Spolin (2010, p 4-6) é através do jogo que se desenvolve naturalmente habilidades e técnicas. Ela nos revela que todo jogo é social e propõe a solução de um problema dentro do grupo. Os jogadores se tornam ágeis e dispostos ao se envolverem com o jogo. A energia adquirida para resolver o problema permite ao indivíduo o crescimento e o respeito às regras do jogo, aperfeiçoando e somando ao aprendizado.

Ao descrever os parâmetros para a espontaneidade, Spolin (2010, p.6-8) pontua que devemos nos sentir livres no mundo que nos cerca, porém poucos conseguem se libertar do julgamento e aprovação dos demais, fator a ser vencido durante as aulas pois nos distancia da autoexpressão e da capacidade de lidar com problemas.

Neste processo educativo o educador tem a missão de estreitar as relações com o grupo, seguindo as regras do jogo e buscando caminhos possíveis sem perder a autoridade necessária para liderar esse mesmo grupo.

Por isso procuramos construir, ao longo dos encontros, muitos momentos de liberdade, sendo que os estudantes relatavam ao final de cada aula, como se sentiram livres no espaço, sempre respeitando o limite de cada um. Puderam concluir que o trabalho lúdico é livre de preconceitos e julgamentos. Os relatos sempre foram muito interessantes, envolvendo todo o grupo, assim foi possível perceber o amadurecimento e responsabilidade por parte dos jogadores.

Outro ponto tratado por Spolin (2010, p. 8-11) é a expressão de grupo, no sentido de que, para completar um projeto saudável, o grupo deve trabalhar com igualdade, sem indivíduos dominantes, para não impedir o crescimento coletivo. Dessa forma o educador precisa ter o olhar atento, para que as dificuldades e diferenças sejam aceitas e o jogo se torne um processo sucessivo de construção, de estímulo e de conhecimento.

Deve haver uma atenção especial nesse processo, cuidando para que o grupo não gere uma competição acirrada e destrutiva, prejudicando o aprendizado, assim evitando

tornar os estudantes agressivos com o próprio grupo. A competição que emerge no jogo, estando a favor do jogo e não do indivíduo, abre caminho para a harmonia, eliminando todas as tensões e exaustões, propiciando descontração, maior envolvimento entre as pessoas e com o ambiente, aumentando a percepção dos problemas (e seu enfrentamento), que serão, consecutivamente, solucionados pelo grupo.

Nas nossas atividades, onde o trabalho coletivo veio como processo de construção, os alunos desempenharam de forma livre a imaginação e criatividade, tornando as aulas mais dinâmicas e divertidas, sem caráter competitivo.

No início das atividades os alunos demonstraram um certo desconforto, mas no decorrer das propostas foram se soltando, mudando a maneira de pensar e agir com o outro, sentindo-se livres, deixando seus corpos agirem naturalmente, mas sempre respeitosos com o espaço do outro.

Seguindo esta proposta de trabalho coletivo, concluímos em sala, que a plateia é essencial para a realização do teatro, pois segundo Spolin (2010, p.11-12), sem plateia não há teatro. Quando o papel do espectador é compreendido, o estudante adquire liberdade e relaxamento, o exibicionismo desaparece e ele sente-se livre. Assim, a quarta parede desaparece e o espectador torna-se parte do jogo, sentindo-se bem recebido.

Durante os encontros estabeleceu-se a comunicação espectador/ator, no qual os estudantes perceberam que ação teatral é um ato de liberdade, de expressividade livre de preconceitos, de modo que todos incentivem a participação efetiva do grupo. Como consequência, os alunos passaram a se concentrar mais, possibilitando improvisações altamente criativas.

Outro fator importante para a prática teatral é o desenvolvimento das técnicas inerentes a esta linguagem artística. Segundo Spolin

as técnicas teatrais são técnicas de comunicação, as quais se alteram para atender às necessidades de tempo e espaço. Quando as técnicas estão separadas da experiência, uma barreira se cria. Já se o jogador sabe várias maneiras de fazer e dizer algo, as técnicas aí aparecerão. Pois é através da experiência e da consciência que as técnicas são unidas, libertando o jogador para a fluência no palco (2010, p.12-13).

Em determinados momentos, os estudantes representaram sentimentos próprios, se libertando de reproduções mecânicas e direcionadas. Já nos jogos musicais, esses momentos foram vivenciados através do lúdico, exploraram as várias formas de brincar usando a expressão corporal, sonoridades e suas possibilidades de criação.

No início das atividades, os alunos se mostraram tímidos e com dificuldades. A partir do momento que perceberam que o trabalho se construiu de forma lúdica e sem cobranças, começaram a conduzi-lo de maneira leve e dinâmica. Esse contato contribuiu de modo enriquecedor e inesquecível para aqueles que participaram, levando para o seu meio social e cultural esse conhecimento sobre o lúdico, reavivando uma cultura já existente, mas escondida e sufocada.

Para Spolin (2010, p.13) o teatro é uma prática coletiva, portanto o treinamento teatral não se pratica em casa, é preciso ser trabalhado com o estudante no próprio ambiente de estudo, ou seja, a escola, e deve ser feito de maneira que o estudante leve as reflexões para a própria vida diária. O mundo fornece material para o teatro, e quando isso é entendido, produz reconhecimento e contato puro e direto com o mundo exterior. Assim, a experimentação é a única tarefa de casa e, uma vez começada, torna-se infinita e penetrante dentro de nós mesmos.

A fisicalização é também um dos fatores centrais do trabalho na interpretação junto aos jogos teatrais e propicia ao estudante uma experiência pessoal e concreta. A primeira preocupação é encorajar a liberdade de expressão física, porque o relacionamento físico e sensorial abre porta para o *insight*. O físico é o conhecido e através dele encontramos o caminho para o desconhecido (SPOLIN, 2010).

Em qualquer forma de arte, procuramos maneiras de ir além do conhecido. Quando a energia é absorvida num objeto físico, não há tempo para sentimentos. E quando o ator aprende a comunicar-se diretamente com a plateia, seu organismo deixa sua expressão física levá-lo para onde quiser. É a criação dessa realidade que torna possível dar o primeiro passo em direção àquilo que está mais além, tornando a realidade teatral física (SPOLIN, 2010, p.15).

Desse modo, o processo de retomada da criatividade emergiu como forma de incentivo aos estudantes, despertando nos mesmos a autoestima, bem como um melhor convívio em grupo e a ampliação da prática do diálogo. Nesse processo construtivo,

onde o aluno busca o “tempo perdido” e a valorização humana, é que encorajei a liberdade de expressão, perdida ao longo do caminho e da própria história do estudante.

A partir da realização desse trabalho nas aulas de arte, foi construída uma metodologia diferenciada. Através dela conseguimos ampliar o conhecimento e explorar o ambiente físico. Nesse processo de exploração do espaço, os estudantes puderam perceber que o Onde (lugar) nos jogos propostos por Spolin são relacionados ao espaço em que se foi construindo o trabalho coletivo. Em alguns momentos houve a divisão do grupo, para que alguns pudessem agir como expectadores, analisando e compreendendo o momento adequado de e como atuar.

Para iniciar-se um bom trabalho com jogos teatrais os estudantes devem ter em mente três ambientes: o imediato, o geral e o amplo. O espaço imediato é a área mais próxima de nós: a mesa onde comemos, com os talheres, os pratos, a comida, o cinzeiro, etc. O espaço geral é a área na qual a mesa está localizada: a sala de jantar, o restaurante, etc., com suas portas, janelas e outros detalhes. O espaço amplo é a área que abrange o que está fora da janela, como as árvores, os pássaros no céu, etc.

Todos os exercícios com espaço (Onde) são destinados a despertar os estudantes para as três áreas e ajudá-los a se movimentar, penetrando com leveza o ambiente e trabalhando confortavelmente.

Para Paulo Freire só o diálogo produz a liberdade do homem e da mulher. Os jogos de Spolin contribuem para o desenvolvimento da comunicação verbal e podem permitir que o diálogo, o questionamento, a crítica construtiva e transformadora de situações de exclusão aconteça na sala de aula e fora dela.

Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, 2008, p.115).

Quando à criatividade junta-se a crítica e disposição para solucionar, justa e eticamente, problemas enfrentados no cotidiano, exercita-se plenamente a cidadania. É nesse sentido que a educação deve ser norteada, possibilitando que educandos partilhem de um cotidiano em que o diálogo crítico, e não apenas polêmico, possa contribuir para a formação de indivíduos capazes de interagir com o universo à sua volta de forma crítica e criativa. Desse modo a escola se torna geradora de situações de inclusão e de tolerância.

Considerações Finais

A aplicação do Projeto de Implementação Pedagógica – A Construção do Espaço Lúdico na Educação de Jovens e Adultos, foi realizada em três momentos, no formato de unidades, nas quais os alunos puderam participar e construir o pensamento coletivo.

Nesse sentido os jogos e brincadeiras aplicados nesse trabalho foram baseados na proposta libertadora de Paulo Freire, juntamente com a introdução aos jogos teatrais de Viola Spolin, sendo que sucessivamente foram introduzidas a música e as brincadeiras antigas.

Na primeira unidade, dividida em três aulas, foram desenvolvidos alguns jogos de aquecimento, jogos introdutórios e a introdução aos jogos teatrais de Viola Spolin, nos quais trabalhou-se a integração e descontração do grupo, tornando-se as aulas dinâmicas e criativas. Esse momento foi importante para o desenvolvimento da autoconfiança e aproximação, tornando a todos mais conhecedores de si mesmos e do grupo. No transcorrer dos encontros, os alunos foram conquistando cada vez maior entrosamento com as propostas, ganhando confiança e concentração.

Na segunda unidade, também dividida em três aulas, trabalhamos jogos e brincadeiras com ritmo. Nessa unidade a turma mostrou ainda mais interação, e maior facilidade de expressão. O trabalho com música superou as expectativas, alunos tímidos se mostraram mais extrovertidos, participando e concluindo todas as etapas das atividades.

Na última etapa, trabalhamos a integração entre pais e filhos através de jogos e brincadeiras tradicionais. Os alunos contaram como eram as brincadeiras e jogos em seu tempo de criança ou adolescente, onde brincavam, como brincavam, do que eram feitos seus brinquedos, e demais situações relacionadas ao tema. Esse foi um momento muito especial, gratificante mesmo, por observarmos maior aproximação entre pais e filhos, ali no ambiente escolar. Houve também a participação de um professor de circo da comunidade, que trabalhou com brincadeiras relacionadas aos jogos teatrais, ritmo e brincadeiras antigas.

Para concluir a unidade promovemos um espaço de criação e expressão, proporcionando a comunicação verbal e corporal, desenvolvendo a imaginação, a sensibilidade e a reflexão, que caracterizam todo fazer artístico, ainda que singelo, não elaborado.

Sendo assim, as etapas foram concluídas com sucesso, contribuindo intencionalmente para uma mudança significativa dentro do ambiente escolar, através de um aprendizado interativo e dinâmico, com a participação de todos os alunos e a sua compreensão de qual seja o grande valor da arte na escola, quando aplicada de modo reflexivo e libertador: oportunizar a evolução do imaginar, do sentir, do pensar. Enfim, que todos os partícipes da ação, sejam professores ou estudantes, cresçam como pessoas.

Percebi que os jogos teatrais, a música e as brincadeiras tradicionais podem ajudar na facilitação desse ambiente, pois eles focam na resolução de problemas, e para que ocorra da melhor forma é preciso que todos contribuam. Com isso, não há mais o detentor do conhecimento, tal como na educação tradicional, mas sim um educador que motiva a todos pela busca do conhecimento, para que este desenvolvimento solucione os problemas propostos.

O trabalho com jogos musicais dentro do contexto escolar, mostrou aos estudantes que existem inúmeras formas de se aprender e compreender os diferentes modos de brincar, utilizando o lúdico como ferramenta na articulação dos conteúdos e objetivos a serem trabalhados. Esse projeto veio promover a socialização e a apropriação dessa manifestação cultural do movimento.

Trabalhar o lúdico com jovens e adultos no ensino de arte, através do teatro e da música, pode resultar em novas oportunidades e interesse ao conteúdo que se pretende alcançar. Em acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná esse contato entre os jogos teatrais e o trabalho com ritmo e música, pôde ser um exercício muito interessante, aumentando as possibilidades de exploração musical e de situações imaginárias, obtendo-se bons resultados. Portanto, é necessário compreender a importância dada a cada prática educativa, mediando a realidade de cada aluno.

A relação com os Parâmetros Curriculares Nacionais, se fizeram presentes no aprender a sentir, no expressar-se e pensar a realidade sonora ao redor do ser humano,

que constantemente se modifica nessa rede em que se encontra, auxilia o jovem e o adulto em fase de escolarização básica a desenvolver capacidades, habilidades e competências em música. Construindo sua competência artística nessa linguagem, sabendo comunicar-se e expressar-se musicalmente, o aluno pode, ao conectar o imaginário e a fantasia aos processos de criação, interpretação e fruição, desenvolver o poético, a dimensão sensível que a música traz ao ser humano.

Ao trabalharmos com música, ritmo e jogos, desenvolvemos habilidades de raciocínio, inventividade e criatividade. Foi importante explorar atividades que despertassem no estudante o interesse pela música, buscando aulas atrativas e divertidas.

Ao iniciar o lúdico através das brincadeiras tradicionais nas aulas de arte, os estudantes se posicionaram de forma acolhedora e pode-se perceber interesse pela possibilidade do conhecimento significativo. Em muitos momentos houve a participação assídua e questionadora, levando o grupo a concentrar e relatar suas experiências.

No decorrer das aulas, percebemos que o espaço já não era suficiente para que os estudantes pudessem caminhar e deslocar-se nas brincadeiras, e para isso foi escolhido o pátio da escola para a realização das atividades. A saída de um ambiente fechado, possibilitou que os demais estudantes da escola pudessem, em algumas oportunidades, interagir e se apropriar dessa forma de conhecimento.

No início de cada atividade os estudantes demonstravam um certo desconforto em se soltar, mas no decorrer das atividades se libertavam das amarras, compreendendo as propostas e mudando a maneira de pensar e agir com o outro.

Então foram sentindo-se mais libertos, respeitando o espaço do outro, deixando seus corpos livres de preconceitos e julgamentos. Esse envolvimento da turma apresentou grandes surpresas, pois alguns estudantes muito tímidos, que mal conversavam com o professor, participaram e envolveram-se com professores e colegas de forma interessante e surpreendente.

Obter a aproximação de pais e filhos através das brincadeiras antigas foi gratificante. Esse contato dentro da escola transformou a sala de aula num ambiente familiar e extremamente acolhedor. No decorrer das brincadeiras, os pais iam

despertando nos filhos a curiosidade sobre o tempo em que eles, os genitores eram crianças, como brincavam e quais eram as brincadeiras.

O envolvimento, na escola, de pais e filhos trouxe amadurecimento e maior interesse pela arte. Foi possível perceber que os pais, em muitos momentos, sentiam grande prazer e empolgação em contar sobre a própria infância, com isso despertando respeito e admiração por parte dos filhos. Deste modo, o ensino/aprendizagem se deu de forma complexa para cada estudante justamente pela interação entre escola e família, conteúdos estruturantes e a ludicidade do aprender a aprender arte.

Referências bibliográficas

BRASIL, M. E. C. SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental**, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, p. 538-545, 1999.

FREIRE, P. **Conscientização: Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Ed. Cortez e Moraes, 1979.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2008.

PARANÁ, SEED. "Departamento de Educação Básica." **Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Arte**. Curitiba: SEED-PR, 2008.

SANTOS, Neusa Raquel de Oliveira; FARIA, Moacir Alves de. **Jogos teatrais na educação: um olhar para uma prática libertadora**. Revista Eletrônica Saberes da Educação, v. 1, n. 1, p. 03-12, 2010.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais na Sala de Aula: um manual para o professor**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2010.

_____. **Improvisação para o teatro**. Tradução de Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992.

_____. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2006.